

COMUNICAÇÃO AGENDA01:

Linguagem verbal x não-verbal: Verbal – faz uso do verbo (fala ou escrita) para transmitir uma mensagem. Não verbal – produz sentido com o uso de símbolos (placas de trânsito, gestos), sons, imagens e outros elementos não verbais ou escritos.

Polissemia: fenômeno da multiplicação de sentidos, ou seja, extensão de seu sentido literal.

Gramática: sistema de regras que estrutura a língua escrita

Denotativo: Sentido literal das palavras (dicionário). “Mexa os ingredientes”.

Conotativo: Sentido figurado das palavras (além dicionário). “Mexi com ela e ela se enfureceu”.

Ambiguidade: Duplo significado ou interpretação.



Variação e mudanças linguísticas: Alterações que a língua pode sofrer com a passagem do tempo em virtude de seu uso.

Vossa Mercê → Vossemercê → Vosmecê → Você → Cê/Vc.

Linguagem coloquial / popular: Mias espontânea, sem regras rígidas e usadas no dia a dia (tendemos a facilitar a comunicação), exemplo: “você está em casa?” → “cê tá em casa?”

Linguagem formal / culta: “polida”, clara e adequada à formalidades.

Vícios de linguagem / coloquialismo:

- **Barbarismo:** pobrema (problema); geito (jeito)
- **Desvios semânticos:** tráfego x tráfico
- **Solecismo:** fazem dois dias (faz dois dias); havia vagas (havia vagas)
- **Amesóclise:** comprar-te-emos (compraremos a você)
- **Pleonasma / redundância viciosos:** entrar para dentro; adiar para depois
- **Gerundismo:** Vou poder estar te atendendo e te ajudando, espere na linha
- **Queísmo:** Este que é o erro que disse para você que eu ia resolver
- **Ambiguidade:** Cada aluno deve fazer seu trabalho (seu refere-se a quem?)
- **Cacofonia:** Quanto você pagou “por cada”

→ <https://www.youtube.com/watch?v=nT2MOKAWGqU> (Comunicação – Agenda 1 - GEEaD).

→ <https://www.youtube.com/watch?v=pWvuF0U9zv4> (Norma culta e variedade linguística – UNIVESP)

→ <https://mundotexto.wordpress.com/2014/02/18/linguagem-coloquial-e-linguagem-culta-no-ensino-de-portugues-brasileiro/> (Blog mundo texto)

Fichário: Desenvolver um relato em primeira pessoa.

“A importância da linguagem verbal e não-verbal para o Técnico em Desenvolvimento de Sistemas”

RASCUNHO:

Desde o final do ensino fundamental, linguagem e a matemática me despertavam alguns interesses fascinantes... Lembro até hoje de quando eu e meus amigos negociávamos com o professor de matemática para ele nos liberar durante a aula para fazermos exercícios da apostila ao ar livre. Saíamos tão focados e felizes por esse “benefício” que em 50 minutos resolvíamos todos os exercícios daquela aula e depois avançávamos para as aulas seguintes. Um dia fiquei muito entusiasmado com meus colegas, pois tínhamos terminado a apostila inteira sozinhos, cada um compartilhando com o outro o conhecimento de que sabia; O mais “chato”, depois de tudo, era voltar para a sala e esperar o professor ensinar tudo aquilo que já havíamos feito.

Com a linguagem não era muito diferente, lembro que eu gostava de seguir as regras e princípios da gramática para criar textos que eram quase impossíveis de não serem entendidos já que essas “estruturas textuais” seguiam padrões que só permitiam um único significado.

Ensinos do colegial pairam até hoje em minha mente com as frases: “Uma andorinha só, não faz verão!” e “Uma andorinha só não faz, verão!” para explicar com maestria o caos e o impacto que uma simples mudança na posição da vírgula podia causar em um contexto. Ou até mesmo da frase: “Tenho dois carros na garagem: um fusca e uma ferrari, este vermelho carmesim, aquele azul bebê” para explicar ao que os pronomes se referem dentro de um texto.

Ao lembrar desses ensinamentos, percebo que toda essa bagagem acumulada ao longo do tempo com a linguagem (em todos os seus aspectos) me abriu muitas oportunidades como Ingressar em certames, ser assertivo em textos, discursar em auditório na Semana da Educação Especial da UFSCar, redigir com meu primo uma das 100 melhores redações da Olimpíada “Química na cozinha 2015”

FINAL:

As linguagens por trás de um programador

Desde o final do ensino fundamental em 2012, a linguagem e a matemática despertavam em mim um fascínio especial, eu mal fazia ideia do quanto elas seriam essenciais para as minhas atividades hoje em dia.

Lembro de negociar com o professor de matemática para me liberar da sala e resolver os exercícios da apostila ao ar livre. Em 50 minutos, já tinha feito tudo com mais três amigos, muitas vezes, avançávamos para as aulas seguintes. Ficamos empolgados uma vez por terminar a apostila sozinhos, compartilhando o conhecimento de álgebra e geometria entre nós. A parte “chata” era voltar para a sala e esperar o professor ensinar o que já havíamos feito.

Com a linguagem não era diferente, eu gostava de seguir as regras da gramática para criar textos que fossem claros e de fácil entendimento, pois essas “estruturas textuais” seguiam padrões que permitiam um único significado. Até hoje, lembro das frases da professora de gramática no colegial: “Uma andorinha só, não faz verão!” e “Uma andorinha só não faz, verão!”, que mostravam o impacto do manejo da vírgula em um texto. Ou ainda a frase: “Tenho dois carros na garagem: um fusca e uma Ferrari, este vermelho carmesim, aquele azul bebê”, usada para explicar a função de referência dos pronomes.

Esses ensinamentos me abriram muitas portas, como ingressar em certames, ser assertivo em textos, discursar na Semana da Educação Especial da UFSCar e escrever uma das 100 melhores redações da Olimpíada de Química 2015 com meu primo e até mesmo roteirizar e dirigir um curta documental.

Em resumo, mesmo com todas essas experiências adquiridas, nunca imaginei que um dia eu uniria a matemática e a linguagem para conectar um cliente, com um problema, a uma máquina que automatiza a solução desse problema, usando programação.

→ <https://www.youtube.com/watch?v=KDKLtFIU5lq> (Relato: características – Aula 13 – Professora Pampa).